

# **RIGOR E GENERALIZAÇÃO EM PESQUISAS SOBRE FENÔMENOS CULTURAIS: CONTRIBUIÇÕES DE UM PERCURSO DE PESQUISAS FENOMENOLÓGICAS**

Roberta Vasconcelos Leite – Universidade Federal de Minas Gerais  
Miguel Mahfoud – Universidade Federal de Minas Gerais

## **Resumo**

Partindo dos desafios de fundamentação teórico-metodológica implicados em pesquisas sobre fenômenos culturais numa comunidade rural tradicional mineira, este artigo objetiva evidenciar como a Fenomenologia Clássica abre a possibilidade de analisar a cultura por meio da investigação sistemática da experiência. Explicita como a Fenomenologia inaugura uma virada epistemológica por meio da investigação da subjetividade e do mundo-da-vida, ressignificando a noção de cultura e o modo de investigá-la. Apresenta procedimentos metodológicos empregados em investigações fenomenológicas. Discute a tensão particular-universal e a possibilidade de generalização a partir de dados de um contexto circunscrito. Como conclusão, reconhece a Fenomenologia como referencial teórico-metodológico fecundo, aberto e crítico, capaz de respeitar a íntima relação entre subjetividade e mundo-da-vida.

**Palavras-chave:** fenomenologia, subjetividade e mundo-da-vida, metodologia científica.

## **Abstract**

Starting from the challenges of the theoretical-methodological fundament apprehended in the researches about the culture phenomena in a rural and traditional community, this article has the purpose of identifying how Classical Phenomenology opens the possibility of analyzing culture by the means of the systematic investigation of the experience. It shows how Phenomenology starts an epistemological turn by research of subjectivity and the lived world, redefining the culture's concept and how it's could be research. It presents methodological procedures of phenomenology to researches. It's discusses the private-universal's tension and the possibility of extrapolation of data from a limited context. This article concludes, recognizing Phenomenology as a fertile theoretical and methodological reference, open and critic, able to respect a straight relation between subjectivity and the lived world.

**Key words:** phenomenology, subjectivity and the lived world, scientific methodology.

Desenvolvendo pesquisas há mais de 14 anos na comunidade rural de Morro Vermelho (Caeté/MG), reconhecemos que a vitalidade e riqueza de sua cultura popular articulam-se ao caráter tradicional, à forte vivência da religiosidade popular e à preservação de traços barrocos (Araújo e Mahfoud, 2004; Mahfoud, 2001a, 2001b; Mahfoud e Massimi, 2007, 2009). Nesta comunidade, o empenho de gerações sucessivas na manutenção de tradições e festividades religiosas grandiosas, algumas de origem medieval (Mahfoud, 1999, 2002), coexiste ao influxo de propostas culturais diversas, principalmente por via dos meios de comunicação de massa e da escolarização (Leite e Mahfoud, 2006, 2007a, 2007b).

São tantas festas, rituais, procissões, é tamanha a dedicação e o gosto com que se empenham na manutenção daquilo que herdaram de seus antepassados... Tudo isso nos inquieta. Somos filhos de outra cultura, herdeiros de outros valores. Por isso, a cada nova pesquisa, somos solicitados novamente a refletir sobre como podemos adentrar um contexto tão diverso de forma adequada e

cientificamente rigorosa. Como investigar em profundidade a dinâmica cultural desta comunidade, preservando sua vitalidade característica? Como comunicar de modo preciso e solicitador aquilo que encontramos? Questionamentos que se articulam ao desafio próprio de todas as pesquisas qualitativas, qual seja o de desenvolver uma investigação com recorte específico, realizada num contexto circunscrito e com número reduzido de sujeitos, que se constitua como contribuição efetiva para o avanço do campo de estudos em que nos inserimos.

Assim, partindo de pesquisas sobre cultura popular numa comunidade rural, sem abandonar o interesse por relacioná-las a horizontes mais amplos de compreensão dos fenômenos culturais, chegamos a adentrar o campo dos debates sobre metodologia científica. Vendo-nos solicitados à contínua atenção aos pressupostos do nosso trabalho, entendemos, com Demo (2000) e González Rey (2002), que as reflexões epistemológicas, teóricas e metodológicas conferem rigor às pesquisas qualitativas, permitindo que elas não esbarrem nos mesmos limites metodológicos das posições objetivantes que pretendem superar.

Em nosso percurso, encontramos na *Fenomenologia Clássica* de Edmund Husserl (2006a, 2006b, 2008) a possibilidade original de analisar a cultura pela via da investigação sistemática da experiência (Ales Bello, 1998, 2004). Atentos aos desafios da prática de pesquisa, objetivamos, neste artigo, explicitar contribuições seminais da Fenomenologia para a investigação rigorosa de fenômenos culturais.

## **SUBJETIVIDADE E MUNDO-DA-VIDA: VIA FENOMENOLÓGICA PARA INVESTIGAÇÃO DA CULTURA**

Empenhado em realizar investigações rigorosas, Husserl (2006a, 2006b, 2008) buscava respeitar a vitalidade daquilo que pretendia compreender, sem ousar substituir a realidade pelas construções mentais do intelecto (Ales Bello, 1998). Interessado em esclarecer os processos pelos quais o homem pode ter acesso ao mundo e conhecê-lo, Husserl (2006a) dedicou-se à investigação da subjetividade, chegando a identificar suas estruturas originárias, as vivências, e explicitando como a variabilidade de seus conteúdos ancora-se numa estrutura compartilhada, a subjetividade transcendental (Ales Bello, 2004). Descoberta que não resultou em solipsismo egóico na medida em que impulsionou a investigação do mundo experimentado pela consciência em sua constituição originária (Goto, 2007).

Buscando novo ponto de partida para a tematização do mundo, Husserl (2008) conclamou a retomada do mundo-da-vida: mundo calcado na estrutura constitutiva da subjetividade, sustentáculo de nossa vida cotidiana, anterior às idealizações do conhecimento científico e sempre ligado a uma coletividade e tradição particular (Ales Bello, 1998; Goto, 2007; Zilles, 1997).

Problematizando o mundo-da-vida como pólo correlato da subjetividade transcendental (Goto, 2007), Husserl (2008) abriu caminho para uma nova modalidade de pesquisas, marcadas pelo retorno ao mundo da experiência originária, de onde emergem os sentidos e atos do sujeito e se revelam as imbricações de suas elaborações com as de seus contemporâneos e predecessores, co-partícipes de um mesmo ambiente social (Schutz cf. Wagner, 1979).

Seguir por este caminho implica em tematizar a cultura sob um novo olhar, reconhecendo sua fundamentação no substrato do mundo-da-vida e da subjetividade (Husserl, 2008). Tal reconhecimento permitiu a Husserl (2006b) retomar a noção da cultura como realidade objetiva que nasce de autênticos posicionamentos pessoais e coletivos de constituição do mundo e permanece no tempo solicitando novas gerações.

Para o campo de estudos das culturas, o chamado da Fenomenologia Clássica à investigação da subjetividade e do mundo-da-vida constitui-se como provocação a pesquisar a experiência buscando colher os posicionamentos pessoais e coletivos de constituição do mundo e a provocação do mundo para a constituição da consciência.

De um chamado como este, nascem muitos questionamentos, em que se destaquem – para retornar ao objetivo deste artigo – questionamentos sobre como a radicalidade da proposta da Fenomenologia Clássica pode se traduzir na prática de pesquisa. Que implicações traz para o modo como formulamos o problema de pesquisa, coletamos dados e os analisamos? Para essa e tantas outras perguntas que acompanham a decisão por seguir o caminho aberto por Husserl (2006a, 2008), floresceram e podem ainda florescer muitas respostas metodológicas. De fato, a Fenomenologia não nasce como técnica fixa, mas pressupõe a flexibilidade e, já em Husserl, desdobra-se em diferentes níveis de análise (descritivo-estático, genético, generativo) de acordo com os objetivos visados e com o modo como o fenomenólogo se aproxima deles (Steinbock, 1995 *apud* Goto, 2007, p. 74).

Inserindo-nos neste horizonte pleno de possibilidades, as pesquisas que realizamos ao longo dos últimos anos na comunidade rural tradicional de Morro Vermelho buscam enfrentar os desafios de como operacionalizar a fundamentação teórico-metodológica da Fenomenologia Clássica (Leite e Mahfoud, 2006, 2007a, 2007b). São as respostas dadas a esses desafios práticos que discutiremos a seguir.

## A PESQUISA FENOMENOLÓGICA: DESAFIOS E RESPOSTAS

A pesquisa científica carrega em sua raiz a mesma dinâmica das perguntas que fazemos diante do real: trata-se de um processo em que nos abrimos para algo que ainda não conhecemos, mas queremos conhecer (Giussani, 2009). Entretanto, nem toda pergunta impulsiona uma investigação científica sistemática. Mesmo o pesquisador iniciante reconhece o desafio de articular a complexidade que lhe interessa compreender na forma de uma pergunta clara e precisa (Demo, 2000; Gentil, 2005).

No cuidado com a formulação da pergunta, vemos delineado tanto o rigor, quanto a direção que marcará todo o percurso de investigação. Este é um lugar-comum nos textos de metodologia: uma boa pergunta é meio caminho para sua resposta, pois ela favorece enormemente que, em meio às múltiplas rotas que se abrem na jornada do conhecimento, possamos nos dirigir com firmeza ao fim visado (Demo, 2000; Gentil, 2005; González-Rey, 2002).

Acima, afirmamos que acolher o chamado de Husserl (2006a, 2008) repropõe o estudo da cultura sob novas bases, pois, se a proposta é investigar a constituição originária da consciência ou do mundo por ela experimentado (Goto, 2007; van der Leeuw, 1964), não podemos incorrer em subjetivismo nem tão pouco na descrição objetivante da estrutura ou das práticas sociais. Em termos da construção da pergunta de pesquisa, isso implica no trabalho – muitas vezes árduo – de articular uma formulação em que se explicita como abordaremos o tema e o recorte escolhidos sob a perspectiva dos processos de mútua constituição entre subjetividade e mundo-da-vida.

E, se uma boa pergunta já traz em si o encaminhamento de sua resposta, é importante que indique o modo como acessaremos esses processos de mútua constituição. Em nosso percurso de investigações, reconhecemos as elaborações dos sujeitos da experiência como via de acesso privilegiada aos fenômenos. Ao elaborar o que vive, o sujeito atualiza o processo de constituição de si e do mundo: reconstrói a experiência ressignificando práticas e crenças de sua coletividade e dialogando – ainda que implicitamente – com contradições e crises de sua organização social (Mahfoud, 2003, van der Leeuw, 1964).

O direcionamento de nossas pesquisas dado pela formulação de perguntas é também marcado pela atitude fenomenológica, que implica em realizarmos a *epoché*. Colocando entre parênteses a atitude natural de observadores externos, buscamos uma leitura interior da constituição do fenômeno. Para tanto, precisamos nos aproximar daqueles que vivenciam o fenômeno investigado de forma a favorecer com que eles nos dêem a conhecer seu modo próprio de elaboração. Nas pesquisas em ciências humanas, esse desafio freqüentemente é enfrentado por meio da realização de

entrevistas e da observação participante, em que a convivência com o grupo estudado é instrumento para apreensão da dinâmica de sua vida social (Brandão, 2005, 2007; Geertz, 1989).

Em nossas incursões no vilarejo de Morro Vermelho, realizamos observação participante de cunho etnográfico (Brandão, 2005, 2007). Para observar e registrar a vida social tal como vivida e revelada pelos sujeitos, utilizamos como instrumentos: diário de campo, máquina fotográfica e gravador de áudio digital para registro de conversas que se mostram especialmente relacionadas aos objetivos de cada pesquisa.

Procuramos nos inserir nesta realidade social dedicando-nos ao relacionamento com os sujeitos, de modo que o cuidado real expresso em nosso posicionamento possa favorecer com que eles se abram a nossos questionamentos. Por outro lado, buscamos explorar nossa condição de estrangeiros como recurso (Geertz, 1989). Por mais que compartilhem seu cotidiano, não compartilhamos todos os códigos e significações da vida social e essa diversidade permite-nos questionar aspectos tidos como inquestionáveis, inquirir a dinâmica do que é óbvio, colocar perguntas sobre fundamentos das práticas que eles reproduzem muitas vezes irrefletidamente (Mahfoud, 2003; Schutz, 1974).

Além disso, ao olhar atento do pesquisador frequentemente se revelam aspectos pré-reflexivos não tematizados pelos sujeitos em suas comunicações verbais, como a resposta emocional deflagrada numa situação específica ou a postura corporal adotada coletivamente quando se encontram em determinado ambiente. Tais modalidades por meio das quais a experiência se dá a conhecer não podem ser desconsideradas, pois são igualmente testemunhos de vivências ou dimensões do mundo-da-vida significativos para a compreensão do fenômeno em estudo. Por isso buscamos documentar tudo o que se nos apresenta como relevante, por meio de registros no diário de campo ou fotografias, e, sempre que possível, tematizamos com os sujeitos aquilo que observamos, de modo a colher elaborações que emergem e retificar o que percebemos (Mahfoud, 2003).

Com este processo de imersão no contexto sócio-cultural investigado, torna-se possível identificar sujeitos cujas elaborações sejam particularmente emblemáticas para o fenômeno estudado. Com eles, coletamos dados também por meio de entrevistas semi-estruturas, para um maior aprofundamento em temáticas de interesse à pesquisa. Esta estratégia de seleção dos sujeitos por amostragem intencional (Gil, 1999) evita o risco, presente na escolha aleatória, de que sejam destacados elementos acidentais do fenômeno, inviabilizando a apreensão de seus elementos constitutivos. Na amostragem intencional, buscamos privilegiar a multiplicidade de perspectivas sobre o fenômeno. Entendemos que a diversidade não precisa ser temida, mas ativamente buscada: ambigüidades e contradições presentes nos depoimentos são “expressões que atualizam os conflitos, as tensões, a pluralidade de perspectivas do grupo social, dos quais o indivíduo se apropria para elaboração de sua experiência” (Schmidt e Mahfoud, 1993, p. 295).

Cientes do caráter de ruptura engendrado pela entrevista (Schmidt e Mahfoud, 1993) e das questões de gênero, idade, nível socioeconômico, aparência, disposições afetivas e intencionalidades que atravessam a interação face a face, buscamos cuidar da fidedignidade dos dados acolhendo a tensão entre os diferentes significados e sentidos presentes (Szymanski, 2004). Reconhecendo que esta tensão pode também ser tomada pelo sujeito como ocasião para retomar e comunicar aspectos significativos de sua experiência ao pesquisador e ao grupo que este representa (Schmidt e Mahfoud, 1993), empenhamo-nos para realizar as entrevistas em momentos propícios à elaboração. Isso significa que, cuidando para que nossos interesses de pesquisa se somem aos processos que o sujeito vivencia, procuramos entrevistá-lo quando o fenômeno investigado está em curso. Assim, favorecemos que o sujeito siga sua dinâmica própria de elaboração, expressando-se de modo vitalizado e evitando respostas artificiais a perguntas desvinculadas da sua experiência atual (Amatuzzi, 2008; Bosi, 2005; Thompson, 1992).

Gravamos todas entrevistas em áudio e as transcrevemos integralmente, buscando preservar estilos de linguagem e a cadência da fala. Optamos por aliar erros típicos de linguagem à estrutura formal da língua portuguesa, pois, em lugar de privilegiar a sonoridade na grafia das palavras, nosso

critério é que o texto conserve a vitalidade e complexidade original dos relatos e se aproxime ao máximo da forma como o próprio sujeito escreveria aquilo que fala (Mahfoud, 2003). Além dos registros verbais, incluímos na transcrição dados do contexto (interrupções, introdução de novas pessoas), dados não verbais anotados em diário de campo (olhares, expressões faciais e gestos significativos) ou explícitos no registro sonoro (silêncios prolongados), bem como *insights* sobre a situação da entrevista que emergem no próprio ato da transcrição (Queiroz, 1991).

Para a análise do material, elegemos a companhia de van der Leeuw (1964). Seguindo as diretrizes desenvolvidas pelo autor no capítulo *Fenômeno e Fenomenologia*<sup>1</sup>, partimos da experiência relatada para, por meio da atenção às propriedades dessa experiência, chegar a compreender as vivências e suas conexões de sentido. Interessados em apreender com segurança os fatores fundamentais do fenômeno, aquilo que lhe faz ser o que é, adentramos o domínio da significação, “situado para além da pura subjetividade como da pura objetividade” (p. 644).

O composto vivo que reúne as vivências ordenando-as em relação a um conjunto objetivo maior é chamado *tipo*. Trata-se da experiência típica que se mostra presente na diversidade de manifestações de um mesmo fenômeno e, por isso, sua descrição reúne em termos de vivência os elementos constitutivos do fenômeno que investigamos. Para chegar à delimitação do tipo, van der Leeuw (1964) apresenta diretrizes precisas, que sintetizamos a seguir:

1) Nomeação de conjuntos de vivências: separando e agrupando-as, podemos organizá-las e torná-las inteligíveis. Ao nomear cada conjunto de vivências, cuidamos para não reificá-las utilizando expressões tomadas dos próprios sujeitos.

2) Inserção metódica na própria vida: reconhecendo que os dados geram impacto na pessoa do pesquisador, buscamos colher conscientemente as ressonâncias das vivências como indicativas de sentidos a serem compreendidos, ampliando o campo de possibilidades a serem problematizadas e reconhecidas no ato da análise.

3) Inserção entre parênteses: realizando a *epoché*, procuramos suspender convicções pessoais prévias e também a faticidade dos dados colhidos, privilegiando a captação da estrutura da vivência investigada.

4) Elaboração de categorias: elucidando as vivências e clarificando suas conexões de sentido, podemos apreender dinâmicas que perpassam as diferentes elaborações pessoais, aproximando-nos assim de aspectos próprios do mundo-da-vida do grupo humano em questão. É aqui que tem lugar a primeira elaboração do tipo.

5) Configuração das conexões de sentido como informação: momento em que “a realidade caótica, inerte, converte-se (...) em uma informação, em uma revelação” (p. 648).

6) Retificação contínua das compreensões alcançadas: retornando aos dados, corrigimos compreensões com o propósito de preservar a vitalidade da experiência comunicada. Trata-se de um momento de confronto, que pode ser realizado também com outras fontes (referencial teórico adotado; pares em espaços coletivos de discussão acadêmica), bem como por um novo contato com os sujeitos de pesquisa.

7) Reconstrução da experiência vivida: para testemunhar o fenômeno investigado, precisamos comunicá-lo de modo sistemático e solicitador. Esta é a culminância de toda pesquisa, que permite o acesso de terceiros à compreensão da vivência alcançada. van der Leeuw (1964, p. 649) expressa a radicalidade da comunicação afirmando que a pesquisa fenomenológica “só quer uma coisa: *dar testemunho* daquilo que se mostra (...) mediante uma reconstrução”.

---

<sup>1</sup> Esta parte da obra de van der Leeuw, na qual o autor expõe sua proposta metodológica, encontra-se traduzida para o português:

VAN DER LEEUW, G. A religião em sua essência e suas manifestações: Fenomenologia da religião, 1933, Epílogo. *Revista da abordagem gestáltica*, Goiânia, v. 15, n. 2, p.179-183, dez. 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672009000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 jul. 2010.

Ao longo de todo esse processo de análise, o desafio da generalização, da tensão entre o particular e o universal, se nos apresenta com toda sua força: como as compreensões alcançadas sobre um contexto circunscrito dialogam com a configuração do mesmo fenômeno em contextos sócio-culturais diversos? Esse questionamento, que frequentemente se intensifica ao aproximarmos da conclusão da pesquisa, muitas vezes pode conduzir-nos à tentação do esquecimento das contradições: tornamo-nos ávidos por regularidades no afã por afirmar com maior segurança algum aspecto que se revelou a nós.

Como discutimos ao tratar da seleção dos sujeitos, entendemos a diversidade como valioso recurso. Se os sujeitos de uma mesma comunidade elaboram a experiência de modos que nos parecem discrepantes ao ponto de inviabilizarem qualquer conclusão bem fundamentada, podemos nos surpreender com a descoberta de que a tensão entre as múltiplas possibilidades de elaboração descortina o dinamismo presente naquela coletividade – o que é já um dado provocador para pesquisas em comunidades tradicionais, ainda classificadas como herméticas e estagnadas por muitas correntes científicas (Warnier, 2003).

Além disso, contemplar a multiplicidade de perspectivas confere rigor à pesquisa, pois, cuidando para que as diferenças existentes apareçam e empenhando-nos para analisar as vivências em que elas se fundamentam, podemos chegar a compreensões rigorosas que não se limitam a discorrer sobre em quê os sujeitos concordam, e sim avançam na clarificação da estrutura da experiência investigada (Ales Bello, 2004).

A pesquisa fenomenológica tal como a desenvolvemos apresenta, portanto, a possibilidade da generalização por meio da apreensão dos elementos estruturais que estão presentes em todas as manifestações do fenômeno investigado, por mais diferentes que sejam. Posição que se diferencia seja das modalidades de pesquisa que buscam a generalização pela média – parâmetro abstraído dos dados de modo válido, mas que não corresponde à vivência real dos sujeitos – seja das vertentes que acentuam a particularidade dos sujeitos optando por evitar a generalização.

Entendemos que tal possibilidade de generalização, estritamente vinculada à formulação do tipo, constitui-se como contribuição seminal de van der Leeuw (1964) para as pesquisas fenomenológicas sobre a cultura. Com auxílio das diretrizes traçadas por este fenomenólogo, podemos explicitar como, afirmando o que é mais próprio da elaboração de cada sujeito, chegamos a colher o traço de um desenho na emaranhada confusão dos dados, alcançando resultados efetivamente fundamentados sobre o que seja próprio da cultura da coletividade investigada. Resultados que conseguem dialogar com referenciais teóricos que descrevem a dinâmica da experiência humana e que, como corolário, conseguem se firmar como generalização na medida em que descrevem a vivência de sujeitos e contextos que ainda não encontramos, desde que se mantenham as características do fenômeno.

## CONCLUSÃO

O encontro com uma realidade humana vitalizada é provocador, solicita em nós uma postura aberta ao conhecimento. Interessados em compreender e respeitar fenômenos culturais complexos e dinâmicos, reconhecemos os desafios de descobrir onde depositar o olhar; compreender como manter a abertura para evitar negligenciarmos elementos importantes; aprender a reconhecer quando é preciso reconsiderar para sermos realmente fiéis àquilo que testemunhamos. Colhendo nesses desafios a oportunidade para uma reflexão sistemática sobre a fundamentação do nosso trabalho científico (Demo, 2000; González Rey, 2002), apresentamos neste artigo como encontramos na Fenomenologia Clássica um referencial fecundo, que se constitui como aparato teórico-metodológico aberto e crítico.

Vimos como a Fenomenologia estabelece uma virada radical na história da filosofia ao propor a investigação da subjetividade e do mundo-da-vida, ressignificando a noção de cultura e propondo a reconstrução do fazer científico sobre novas bases.

Atentos aos desafios da prática de pesquisa, apresentamos os procedimentos que se mostraram pertinentes em nossas investigações, cuidando de problematizar suas implicações e justificar a escolha por cada um deles. Abordando a relevância da clareza da pergunta de pesquisa, do critério para a seleção dos sujeitos, do cuidado na realização e transcrição da entrevista, do rigor na análise e discussão dos resultados, buscamos explicitar como é possível fazer ciência tematizando a forma como o mundo provoca o humano e chegar a conclusões que podem ser confiáveis e generalizáveis. Compreendemos que pesquisar dessa forma permite-nos chegar a resultados humanos, que testemunham a vibração do acontecimento que encontramos e podem se apresentar de modo provocador também ao público ao qual nos dirigimos.

O processo de pesquisa se revela a nós como uma aventura cheia de maravilhamentos e riscos, ocasião privilegiada para descobertas e oferta de aprendizados. Partindo do interesse por um contexto circunscrito, colhemos a possibilidade de problematizar a concepção de grandes temas e desafios da metodologia científica. Na esteira do chamado de Husserl à leitura interior da subjetividade e do mundo-da-vida, múltiplos são os caminhos teóricos e metodológicos desenvolvidos por autores das mais diferentes áreas do conhecimento. Nesse território preñhe de possibilidades, esperamos que aquilo que comunicamos a partir de nossa trajetória de investigações possa se constituir como contriuição real para o campo das pesquisas fenomenológicas.

## BIBLIOGRAFIA

ALES BELLO, A. *Culturas e Religiões: uma leitura fenomenológica*. Trad. A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998. 204 p.

ALES BELLO, A. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. Trad. M. Mahfoud e M. Massimi. Bauru: Edusc, 2004. 329p.

AMATUZZI, M. M. *Por uma psicologia humana*. 2 ed. Campinas: Alínea, 2008. 137 p.

ARAÚJO, R. A.; MAHFOUD, M. A Devoção a Nossa Senhora de Nazareth a partir da elaboração da experiência ontológica de moradores de uma comunidade tradicional. *Memorandum*, Belo Horizonte, Ribeirão Preto, n. 6, p. 25-64, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos06/aramahfoud01.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2010.

BRANDÃO, C. R. Pesquisa participante. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, 2005. p. 257-266.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 13 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 484 p.

DEMO, P. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000. 216 p.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Trad. G. Velho. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 324 p.

GENTIL, H. S. Convite à pesquisa em Filosofia e Ciências Humanas: orientações básicas para a formulação de um projeto. *Revista Integração*, São Paulo, v. 11, n. 41, p.169-174, abr./jun. 2005. Disponível em: <[ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/169\\_41.pdf](ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/169_41.pdf)>. Acesso em: 23 jul. 2010.

- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999. 207 p.
- GIUSSANI, L. *O senso religioso*. Trad. P. A. Oliveira. Brasília: Universa, 2009. 234 p.
- GONZÁLEZ REY, F. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. Trad. M. A. F. Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. 188 p.
- GOTO, T. A. *A (re)constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl*. 2007. 218 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. M. Suzuki. Aparecida: Idéias e Letras, 2006a. 384 p.
- HUSSERL, E. Renovação como problema ético-individual. In: HUSSERL, E. *Europa: crise e renovação*. Trad. P. M. S. Alves e C. A. Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006b. p. 39-62.
- HUSSERL, E. *A Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Trad. D. F. Ferrer. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008. 559 p.
- LEITE, R. V.; MAHFOUD, M. O Encontro entre cultura popular e cultura escolar a partir das elaborações de professores de uma comunidade tradicional. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, III, 2006, São Bernardo do Campo. *Anais...* São Paulo: Sipeq, 2006. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/IIIsepeq/anais/pdfs/pmchf2.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2010.
- LEITE, R. V.; MAHFOUD, M. Cuidar da educação, da cultura e de si: horizontes de uma experiência de resgate da cultura popular na escola. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, n. 17, v. 2, ago. 2007a. Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822007000200010&lng=pt&nrm=&tlng=pt](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000200010&lng=pt&nrm=&tlng=pt)>. Acesso em: 23 jul. 2010.
- LEITE, R. V.; MAHFOUD, M. Memória Coletiva, Cultura e Educação: horizontes de uma experiência de resgate da cultura popular na escola. In: SEMINÁRIO MEMÓRIA, CIÊNCIA E ARTE, V, 2007, Campinas. *Anais...* Campinas: CMU, 2007b. Disponível em: <[http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Roberta Vasconcelos Leite e Miguel Mahfoud - completo.pdf](http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Roberta%20Vasconcelos%20Leite%20e%20Miguel%20Mahfoud%20-%20completo.pdf)>. Acesso em: 23 jul. 2010.
- MAHFOUD, M. Encomendação das almas: mistério e mundo da vida em uma tradicional comunidade rural mineira. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do Mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 57-67.
- MAHFOUD, M. Emoções e imagens sagradas em festa popular brasileira de origem barroca. In: MASSIMI, M.; SILVA, P. J. C. (Org.). *Os olhos vêem pelo coração: conhecimento psicológico das paixões na história da cultura brasileira dos séculos XVI a XVII*. Ribeirão Preto: Hollos, 2001a. p.108-121.
- MAHFOUD, M. Empenhado na Mudança do Milênio: identidade, história e profecia em uma comunidade rural tradicional. *Memorandum*, Belo Horizonte, Ribeirão Preto, n. 1, out. 2001b. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos01/mahfoud01.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2010.



MAHFOUD, M. Nossa Senhora de Nazaré em Morro Vermelho: memória coletiva e história. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 333-349, 2002.

MAHFOUD, M. *Folia de reis: festa raiz*: psicologia e experiência religiosa na Estação ecológica Juréia-Itatins. São Paulo: Companhia Ilimitada; Campinas: Centro de Memória, 2003. 163 p.

MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. Cultural Dynamics in a Brazilian communitiy: representation and re-elaboration of Meaning in Morro Vermelho. In: BASTOS, A. C. S.; RABINOVICH, E. P. (Org.). *Living in Poverty: developmental poetics of cultural realities*. Introd. J. Valsiner. Charlotte: Information Age Publishing, 2009. p. 49-67.

MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. Música, corpo sensível e corpo social no barroco brasileiro. *Memorandum*, Belo Horizonte, Ribeirão Preto, n. 12, p. 61-74, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/mahfoudmassimi01.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2010.

QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991

SCHMIDT, M. L.; MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-98, 1993.

SCHUTZ, A. El forastero. Ensayo de psicología social. In: SCHUTZ, A. *Estudios sobre teoría social*. Trad. N. Míguez. Buenos Aires: Amorrortu, 1974. p. 95-107.

SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, H. (org.); ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro, 2004, p. 9-61.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. 3 ed. Trad. L. L. Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.

VAN DER LEEUW, G. *Fenomenología de la religión*. Trad. E. Peña. México: Fondo de Cultura Económica, 1964. 687 p.

WAGNER, H. R. *Fenomenologia e relações sociais*: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 319 p.

WARNIER, J. P. *A mundialização da cultura*. 2. ed. Trad. V. Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2003. 184 p.

ZILLES, U. *Teoria do conhecimento*. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1997. 261 p.

---

Roberta Vasconcelos Leite  
Miguel Mahfoud

E-mail: [vasconcelosroberta@yahoo.com.br](mailto:vasconcelosroberta@yahoo.com.br)  
E-mail: [mmahfoud@yahoo.com](mailto:mmahfoud@yahoo.com)